

# Dizer o que todos sabem, calar o que todos entendem sem confessar: as palavras democráticas<sup>1</sup>

p. 96 - 106

Rejane Arce Vargas<sup>2</sup> (UFSM)

## Resumo

Neste artigo, analisamos três textualidades que constituem uma montagem discursiva em torno da circulação do nome comunidade, colocando em discussão a noção de filiação de sentidos, concernente à Análise de Discurso de orientação francesa. O objetivo é efetuar uma reflexão sobre o funcionamento de mecanismos linguístico-discursivos que promovem a indistinção de sentidos e mesmo a dessignificação de dizeres possíveis que têm sua circulação interdita, em face de uma fraseologia democrática universalizante que ora se re-constitui.

**Palavras-chave:** comunidade; circulação de discursos; filiação de sentidos.

## Abstract

In this paper, we analyze three discourse samples which constitute a discursive setting related to the current circulation of the name community. We put into discussion the notion of filiation of senses concerning French Discourse Analysis. Our objective is to realize a reflection on the functioning of linguistic-discursive mechanisms which promote the indistinction of senses and even the designification of possible sayings which have their circulation prevented, in the face of a universalizing democratic phraseology that now (re)constitutes itself.

**Keywords:** community; circulation of discourse; filiation of senses.

## Palavras iniciais

Comunidade hoje é palavra que supostamente acolheria todas as ‘tribos’, empregada em larga escala, presta-se para colocar em silêncio a historicidade que recobre, aquela da divisão social, ou seja, ela opera sob a forma de um esquecimento necessário: “Segregam-se

alguns, como culpados, e os outros, lembrando-se de esquecer, convivem pacificamente” (ORLANDI, 2008, p. 21). Além disso, ela “vem se colocando em qualquer lugar (tópica cívica)<sup>3</sup> para não trazer à tona o real da exígua existência de indivíduos submetidos à segregação, por exemplo, na favela. Na Globo, no Jornal Nacional, praticamente não existe mais a palavra ‘favela’, só

1 Parte deste texto, sob o título *Gramática do urbano*: nomes que tecem pertencimento, foi apresentada no 58º Seminário do Gel, realizado nos dias 21, 22 e 23 de julho de 2010, na UFSCar, no Simpósio “Memória e efeitos políticos do silenciar e do visibilizar”, coordenado pela prof.<sup>a</sup> Maria Cleci Venturini (Unicentro). Adotamos aqui a nova ortografia vigente, mantendo, no entanto, a ortografia original em citações, em observância ao ano de publicação. O título de nosso artigo guarda referência com formulação de Pêcheux (1990 [1980], p. 15), no texto *Delimitações, inversões, deslocamentos*.

2 Doutoranda em Letras/Estudos Linguísticos (UFSM-PPGL-Laboratório Corpus); Bolsista Capes Proc. N° 4197/10-0, sob orientação da prof.<sup>a</sup> Dr. Amanda Eloina Scherer (UFSM-Laboratório Corpus).

3 Isto é, “sítios, lugares de definição, com sua materialidade, em que se configuram processos de manifestação concreta de sentidos de cidadania que não podem ser pensados fora das condições materiais de existência desses indivíduos (sujeitos individuados) nas suas relações com a sociedade (...) Espaços significados pela relação (política) do estado com a sociedade, em sua forma histórica. Relação esta pela presença ou pela falta” (ORLANDI, 2010, p. 14).

‘comunidade’”(ORLANDI, 2010, p. 16).<sup>4</sup>

Debruçando-nos nessa conjuntura como forma de problematizar a discursivização do nome comunidade, no que este implica o estabelecimento/afrouxamento/dissolução de laços sociais, vimos desenvolvendo estudo a respeito da noção de filiação de sentidos.<sup>5</sup> Tal questão é colocada em pauta, no âmbito da Análise de Discurso de orientação francesa desenvolvida no Brasil, relativamente à constituição de lugares discursivos e sociais para os sujeitos em cenários urbanos contemporâneos, sendo estes compreendidos como ‘lugares simbólicos’ (SCHERER, 2008), que (re)partem o real, irremediavelmente via linguagem.

Nosso objetivo é o de analisar do que se fala e de quem se fala quando se diz comunidade e como essa discursivização funciona político-linguisticamente, valendo-nos, para tanto, da categoria analítica ‘Domínio Semântico de Determinação’ (DSD, GUIMARÃES, 2007), que representa o processo analítico em que se investiga o funcionamento desse nome. Especificamente neste trabalho, trazemos para reflexão algumas das formas de circulação de comunidade, as quais corporificam o que vimos compreendendo, à luz de Michel Pêcheux (1990 [1988]),<sup>6</sup> como ‘circulação-confronto’, isto é, um modo de circulação que põe em causa a opacidade de um acontecimento, de uma nomeação, de uma materialidade linguístico-discursiva, mediante a apresentação intercambiável/indistinta de dizeres de caráter oblíquo, em confronto. Essa noção nos possibilita problematizar o fato de que, a par de uma ‘suposta moda’, no que concerne ao emprego de ‘comunidade’ como

dizer democrático, temos considerado que ela hoje recobre/sobredetermina formas outras de pertencimento, uma vez que “a divisão da forma das comunidades é outra... há uma hipertrofia da noção de comunidade dada a multiplicidade de discursos sobre grupos” (ORLANDI, 2006a, p. 24). Levando em conta essas questões, temos procurado visibilizar relações entre textualidades que movimentem o “estatuto das discursividades que trabalham um acontecimento, entrecruzando proposições de aparência logicamente estável, suscetíveis de resposta unívoca (é sim ou não, é x ou y, etc.) e formulações irremediavelmente equívocas” (PÊCHEUX, 1990 [1988], p. 28), isto é, as circulações-confronto.

O corpus do estudo, do qual aqui recortamos alguns elementos, é composto de discursos em circulação especialmente na rede mundial de computadores, reunidos em uma *montagem discursiva*<sup>7</sup>, constituída de materiais de linguagem de diferentes naturezas, articulados em torno de uma sequência discursiva de referência [sdr]<sup>8</sup> que elegemos para o estabelecimento de relações. As materialidades discursivas são recortadas segundo a perspectiva da divisão de sentidos, ou seja, na medida em que presentificam o estabelecimento/dissolução/afrouxamento de laços/vínculos sociais.

## Filiação e laços sociais

O ponto fulcral de nosso estudo é a filiação de sentidos, a qual é pensada por meio de modos de circulação no tempo presente da palavra comunidade, pois vimos mobilizando-a em relação a um funcionamento específico que,

4 Aspas no texto

5 Trata-se de tese em andamento, cujo título provisório é *Designação e laços sociais: Nomes que tecem pertenciment*

6 Utilizamos aqui e nas demais referências a M. Pêcheux, sempre que possível, o ano de escritura do texto ou de sua primeira publicação entre colchetes.

7 Procedimento metodológico que encontra aporte no de ‘montagem de textos’ (ORLANDI, 2006).

8 Definida por Courtine (1981) como um “punto de referencia a partir del cual el conjunto de los elementos del corpus recibirán su organización”, disponível em: <http://www.magarinos.com.ar/courtine.htm>.

em nosso entender, ilustra uma das formas atuais de dizer ‘não importa o quê’ (ao passo que tudo é ou pode ser uma ‘comunidade’), que é jamais ‘não importa o quê’, no entanto, circula como assim o fosse. Diante disso, visamos a inscrever exemplares de discursos em filiações históricas, ou seja, traçar vínculos que não estão desde já estabelecidos, como aqueles que poderiam ser tecidos a partir da ligação de um dizer a uma determinada Formação Discursiva<sup>9</sup> (FD), donde se processariam deslocamentos na instância da negação ou do distanciamento; mas que, por outro lado, remetem a dizeres que vêm se constituindo sob a instância do não significado (irrealizado, possível de vir a ser), na medida em que fazem aparecer discursividades de outra ordem que se articulam no tempo presente, em que palavras parecem vir de lugar nenhum e caminhar para não se sabe onde – o *ça circule*<sup>10</sup> e o *n’importe quoi*<sup>11</sup> que é jamais *n’importe quoi*, vaticinados por Pêcheux (1981 [1980], p. 18).

Relativamente ao que precede, a ‘filiação de sentidos’ é concebida a partir de um ponto de vista em que se considera precipuamente a questão dos laços sociais, noção que encontra aporte no pensamento de Orlandi (2010, p. 16), pois para a autora:

os sujeitos têm necessidade de estabelecer laços com grupos que funcionem como instituições, paralelas às do Estado, quando este falha, para se individuar, e assim poder entrar em processos de identificação que os signifiquem e que eles signifiquem. Esses grupos legitimam suas existências.

Tais processos de identificação são complexificados com referência ao ‘tempo presente’, não concebido como uma situação

empírica ou estado contemporâneo dos objetos de sentido, mas como algo que diz respeito à memória, ao interdiscurso (memória do dizer, conjunto de dizeres possíveis de caráter irrepresentável), elementos de ‘fora da situação’ que fazem funcionar a língua em um presente (GUIMARÃES, 1999).

Além disso, quando nos referimos à ‘história do tempo presente’ ou historicização no tempo presente, resguardamos a relação que o nome estabelece com seus ‘memoráveis’ (GUIMARÃES, 2005), ou seja, ao modo pelo qual um passado vai sendo recortado, remontando a uma história, seja por meio de vestígios linguísticos, seja via interdiscurso. Consideramos, portanto, que o escopo que envolve a constituição de um Domínio Semântico de Determinação (DSD), enquanto análise de uma palavra em seu processo de reescritura (e predicação) e de articulação,<sup>12</sup> permite trazer à cena os memoráveis que dão corpo a uma historicidade para a palavra, segundo a temporalidade que recorta.

Desse modo, concebemos o nome comunidade como capaz de presentificar uma problemática de nosso tempo, ou seja, o jogo de filiações que se dá via processos de identificação a comunidades outras em face da exclusão/ segregação da/na sociedade, processos estes que materializam a divisão do real que se opera via designação.

Essa conjuntura que recobre o nome mostra-se fértil para pensarmos a filiação de sentidos, compreendida da seguinte forma:

Ao falarmos, nos filiamos a redes de sentidos, mas não aprendemos como fazê-lo, ficando ao sabor da ideologia e do inconsciente. Por

9 Neste trabalho, não nos deteremos nesse conceito, porém, vale mencionarmos sua formulação em Michel Pêcheux (a partir de Michel Foucault), que apontou uma FD como “aquilo que, numa formação ideológica dada, isto é, a partir de uma posição dada, numa conjuntura dada, determinada pelo estado da luta de classes, determina o que pode e deve ser dito...” (PÊCHEUX, 1997,

10 Isso circula

11 Não importa o quê

12 Tais processos são descritos detalhadamente em Guimarães (2007).

que somos afetados por certos sentidos e não outros? Fica por conta da história e do acaso, do jogo da língua e do equívoco que constitui nossa relação com eles. Mas certamente o fazemos determinados por nossa relação com a língua e a história, por nossa experiência simbólica e de mundo, através da ideologia. Por isso a Análise de Discurso se propõe construir escutas que permitam levar em conta esses efeitos e explicitar a relação com esse “saber” que não se aprende, não se ensina, mas que produz seus efeitos (ORLANDI, 1999, p. 34).<sup>13</sup>

Partindo desse princípio, temos como fundamental a relação entre ‘filiação e saber’, “saber que não se transmite, não se aprende, não se ensina, e que, no entanto, existe produzindo efeitos” (PÊCHEUX, 1990 [1988], p. 43), este que é, portanto, da instância do real, calcado na ordem ‘própria’ dos processos de produção dos discursos, em que estão implicados os momentos de constituição, formulação e circulação dos dizeres, sem ‘atravessadores’ imediatos. Concebemos, por conseguinte, o imbricamento dessas instâncias dos processos como alicerces de um saber que não se transmite/aprende/ensina (*o discurso do*), o saber ‘dos’ sujeitos (relativamente à memória, à filiação), consideradas as contradições e cisões que daí advêm.

Assim, interessa-nos o funcionamento da designação<sup>14</sup> comunidade em situações específicas, isto é, mediante a rede de filiações que entretece. Tais situações específicas dizem respeito ao engendramento de subjetividades outras e, por essa via, ao não significado (*non sens*) e ao sem sentido (PÊCHEUX, 1990 [1980]; ORLANDI, 2002)<sup>15</sup>, este último na relação com o que é hipersignificado e/ou dessignificado, jogo materializado contemporaneamente por funcionamentos discursivos de saturação/

suturação/sobredeterminação/hipertrofia de sentidos.

O discurso de ordem global aloca sujeitos e sentidos em ‘categorias’ que não dão conta do modo como os sentidos estão se constituindo e/ou mesmo desde já vão sendo evitados/interditados. Não obstante, os sentidos não cabem em suas designações, elas colocam em cena a equivocidade de nomeações que se formulam e circulam via relações dessimétricas, imediatamente intercambiáveis: mendigo/morador de rua/pessoa em situação de vulnerabilidade social; bandido/traficante/ladrão; empregado/desempregado/trabalhador/desocupado; prostituta/mulher da vida/acompanhante de luxo, etc.<sup>16</sup> A esse respeito, cabe destacar:

Há, assim, ‘furos’, ‘buracos’ na memória, que são lugares, não em que o sentido se ‘cava’, mas, ao contrário, em que o sentido ‘falta por interdição’. Desaparece. Isso acontece porque toda uma região de sentidos, uma formação discursiva, é apagada, silenciada, interdita (ORLANDI, 1999a, p. 65).<sup>17</sup>

Podemos dizer que um objeto simbólico, no caso de que aqui tratamos, uma nomeação dessignificada, se constitui como o próprio “buraco”, a falta na memória do sentido político colocado a distância, negligenciado.

Nesse sentido, importa destacar que Orlandi (2002) distingue pelo menos dois movimentos no tocante aos processos históricos de significação, quais sejam, o de resignificação e o de dessignificação. Interessa-nos, como já vimos apontando, este último. A dessignificação produz “uma espécie de esvaziamento da memória, um vácuo na história, significando pela censura e pela interdição”. Em entrevista, a autora (2002 [2004])

13 Grifos da autora

14 Não são objetos de nossa reflexão os processos de nomeação ou de referência.

15 Reportamo-nos aqui à distinção proposta por Orlandi (2002) entre não sentido (o non sens desenvolvido por Pêcheux como o sentido não realizado que permanece latente na instância do real sujeito à falha que constitui os sujeitos/sentidos) e o sem sentido, o dessignificado, que se formula mediante uma interdição, uma falta no dizer.

16 Orlandi (2010) analisa exemplo interessante a propósito do nome ‘bandido’: “Os seus dois filhos são de bandido?”, “Um só, o outro não. O outro é de um 157” [157 = roubo, segundo o Código Civil].

17 Aspas no texto.

sublinha a relevância de tal movimento:

Eni Orlandi – processos de dessignificação, ou seja, coisas que poderiam estar em movimento, significando de maneiras diferentes, são dessignificadas, não podem significar, são apagadas, são silenciadas... A pista para mim é você construir uma montagem discursiva, de discursos diferenciados e que têm a ver com essa questão de maneira a flagrar relações de significação em que você percebe esses processos de dessignificação [...] Qual a dificuldade aí? É trabalhar com o apagamento, com o silenciamento, não é com aquilo que existe, é trabalhar com a marca daquilo que não existe e onde isso está marcado [...] essa impossibilidade do dizer, impossibilidade de significar, de designar as coisas onde elas estão e isso é vital para nós, ou nós conseguimos designar essas coisas e nós vamos ter lugar para falar politicamente (...) processo de dessignificação é uma coisa muito perversa, porque dessignificar não é porque fica vazio, outros sentidos vão existir de tal maneira que você perde a possibilidade de significar de outra maneira nesse lugar (...)<sup>18</sup>

A dessignificação é decorrente de um processo que torna sentidos, que são ou seriam possíveis, dessignificados, estes, no entanto, não deixam de existir, uma vez que são produzidos “efeitos de impossível” (Idem, p. 56) sobre o que historicamente não o seria, são, portanto, sentidos historicamente possíveis, mas interditados e, no caso específico a que nos detemos, essa interdição se processa por meio de uma circulação massiva de um sentido *não teria como não ser esse*.

Para se refletir a respeito do modo de existência da dessignificação, Orlandi nos oferece um exemplo interessante:

(...) o que é “terrorismo” hoje? Como se semantizou? Tive amigos, meus colegas desde o colégio, excelentes intelectuais, cujas fotos vi coladas em cartazes em lugares públicos, com o título “procura-se”, apresentando-os como temíveis terroristas, em 1970. O que era uma posição política foi de-significado, significando, em outra formação discursiva,

como caso de polícia e sujeito à morte. Qual é o sentido do terrorismo? Como ele de-significou outros sentidos do político? Isso nos mostra que o liberalismo é impiedoso como os sentidos “outros” (ORLANDI, 2002, p. 56).<sup>19</sup>

De acordo com a mesma autora (Idem), com a dessignificação, ocorre uma ruptura profunda no político, e a impossibilidade de uma significação resulta, ao mesmo tempo, da interdição e da emergência de um discurso; as palavras ficam sem sentido, não porque elas não tenham sentido, mas porque o silenciamento do *sentido político*<sup>20</sup> é romantizado, tal como o que hoje significa ostentar a imagem de Che Guevara em uma roupa de grife, passou a ser ‘ornamento’, produto de consumo. É nesse quadro que vimos compreendendo o funcionamento do nome comunidade, como palavra ‘oca’, esvaziada de seu sentido político. Entendemos que há sentidos do urbano que não puderam se inscrever, pois foram significados pela urbanização, pela organização/ocupação do espaço. A passagem de favela à comunidade, para nós, situa-se nesse vácuo de simbolização, em uma espécie de ‘buraco’ na memória social que se constitui como o próprio sentido, uma falta ideologicamente produzida sob a égide do discurso da mundialização. E como isso ocorre? Valer-nos-emos aqui de outro exemplo. O discurso fluido da globalização, de caráter universalizante, acarreta o fato de que há uma indistinção de sentidos, na contramão de uma inscrição/historicização destes, porque, como sabemos, “as delimitações entre uma formação discursiva e outra são necessárias para a significação. São a inscrição necessária do político,

18 Excerto de entrevista de Eni Orlandi concedida a integrantes do Laboratório Corpus, em 22/06/2002 - Publicada em Fragmentum 7. História das Idéias X História de Vida. Entrevista com Eni Puccinelli Orlandi. Coordenação de Amanda Scherer. Santa Maria, Editora PPGL, Universidade Federal de Santa Maria, mar./2004. Aqui, de gravação de trecho inédito, autorizado pela autora - fonte: Acervo Corpus.

19 Grifos da autora.

20 De modo bastante sucinto podemos dizer que, ao mencionarmos a noção de político, reportamo-nos sempre à divisão de sentidos que se processa na sociedade em face mesmo de seu modo de estruturação/organização (lugares e posições legitimadas para certos dizeres/fazer). Para mais, ver Vargas (2009a), disponível em: [http://w3.ufsm.br/revistaletas/artigos\\_r37/artigo12.pdf](http://w3.ufsm.br/revistaletas/artigos_r37/artigo12.pdf).

simbolizado” (Idem, p. 59), pois:

Como essas diferenças se desfizeram, resulta que se pode dizer “Abaixo globalização!” do ponto de vista lingüístico, mas... desapareceu o desenho dessa formação discursiva na história, de tal maneira que isso não faz sentido do ponto de vista discursivo. Porque não há “outro” a que se relacionar, dado o deslimite do discurso neoliberal. (...) A discursividade que dizia “Abaixo o imperialismo!” tinha propostas políticas que diferenciavam concretamente o imperialismo de outras posições. A globalização não tem essa exterioridade acessível pela maneira como apaga seus limites. Ela “engole” os outros discursos (ORLANDI, 2002, p. 59-60).<sup>21</sup>

Outrossim, quando estabelecemos comunidade como unidade de trabalho e a concebemos a partir de uma perspectiva em que esta tece, dissolve ou afrouxa laços sociais, estamos nos referindo a um processo que subjaz a essa relação, que é o de metaforização, tal como compreendido por Orlandi (2005) em seus estudos sobre as falas desorganizadas, isto é, metaforizar o sentido de comunidade implica atingir o sentido do social, do real do urbano, que enquanto tal constitui formas discursivas que fazem aparecer o silenciamento, o apagamento, a dessignificação. Dito de outro modo, metaforizar reclama uma interpretação, impõe que o sujeito assumira determinada posição em relação ao que enuncia, não apenas repetindo, mas mobilizando os sentidos que o determinam *a priori*.

## Fraseologia da mundialização

A fim de analisarmos alguns modos de circulação de comunidade, elegemos a categoria analítica de DSD como forma de investigação do funcionamento de uma palavra.

A um DSD subjaz todo um processo analítico de um nome, do qual ele é a forma de

representação, ele é, portanto “uma análise de uma palavra. Ele representa uma interpretação do próprio processo de análise e deve ser capaz de explicar o funcionamento do sentido da palavra no corpus especificado (um texto, um conjunto de texto, etc.” (GUIMARÃES, 2007, p. 81).

Inicialmente, consideramos a profusão sobredeterminada de comunidade [como exemplifica a montagem de textos a seguir], mas carente de uma análise que a tire de uma certa ordem de dizeres que Pêcheux (1990 [1988]) chamou de fraseologia, isto é, a nova língua democrática que tem a ‘invisibilidade do vento’ e igual força para condenar ao ‘estrelato’ ou à ‘invisibilidade’. Essa ‘condenação’ se processa por meio de enunciados que muitas vezes forçam uma rede interparafrástica da ordem do absurdo, corporificando o que vimos compreendendo como a fraseologia da mundialização, imbricada ao que Pêcheux denominou circulação-confronto (PÊCHEUX, 1990 [1988], p. 21), ou seja, o caráter oblíquo, sinuoso de enunciados, palavras, sentidos que ‘parecem sempre os mesmos’. Observemos o exemplo:

### MONTAGEM DE TEXTOS

Busca por ‘comunidade favela’ em Folha OnLine<sup>22</sup>  
(06 últimos resultados do total de 30, em 10/08/2009 –  
notícias do período de maio a agosto de 2009)<sup>23</sup>

- (01) T-25. Folha Online - Cotidiano - POLÍCIA MATA suspeito e APREENDE 40 mil PAPELOTES DE COCAÍNA em FAVELA do Rio - 05/05/2009  
... 05/05/2009 14h26 POLÍCIA MATA SUSPEITO E APREENDE 40 mil PAPELOTES DE COCAÍNA em Favela do Rio DIANA BRITO Colaboração para a Folha Online , no Rio Um homem apontado como ... TRAFICANTE DE DROGAS MORREU BALEADO durante OPERAÇÃO POLICIAL realizada na manhã desta terça-feira na favela Vila Vintém,, em Padre Miguel, na zona oeste do Rio. Segundo informações <http://www1.folha.uol.com.br/folha/cotidiano/ult95u560742.shtml>

21 Grifos da autora

22 O caráter elíptico dos textos é de natureza automática, ordenada pelo computador.

23 A fim de ilustrarmos a sobredeterminação do nome comunidade, realizamos uma busca por ‘comunidade favela’, em Folha Online em 10 de agosto de 2009, da qual nos valem os 30 primeiros resultados, que compreendem os meses de maio a agosto de 2009, e aqui destacamos os 06 últimos resultados.

(02)	T- 26. <a href="#">Folha Online - Cotidiano - POLÍCIA CIVIL realiza OPERAÇÃO em FAVELA da zona oeste do Rio - 05/05/2009</a> ... 05/05/2009 11h33 POLÍCIA CIVIL realiza OPERAÇÃO em FAVELA da zona oeste do Rio DIANA BRITO colaboração para a Folha Online , no Rio Cerca de 120 POLICIAIS CIVIS realizam na manhã ... feira uma OPERAÇÃO para REPRIMIR o TRÁFICO DE DROGAS, APREENDER ARMAS e cumprir mandados de PRISÃO na favela Vila Vintém, em Padre Miguel, na zona oeste do Rio. Ainda não há ... <a href="http://www1.folha.uol.com.br/folha/cotidiano/ult95u560680.shtml">http://www1.folha.uol.com.br/folha/cotidiano/ult95u560680.shtml</a>
(03)	T - 27. <a href="#">Folha Online - Cotidiano - Conselho estadual aprova REGULARIZAÇÃO de FAVELA sobre palafitas em Cubatão (SP) - 04/05/2009</a> ... 04/05/2009 09h00 Conselho estadual aprova REGULARIZAÇÃO de FAVELA sobre palafitas em Cubatão (SP) da Folha de S.Paulo Uma FAVELA com BARRACOS sobre palafitas, a Vila dos ... pelo Conselho Estadual do Meio Ambiente em março, a pedido da Prefeitura de Cubatão. É uma COMUNIDADE de cerca de 10 mil pessoas, formada por MIGRANTES E PESCADORES tradicionais da ... <a href="http://www1.folha.uol.com.br/folha/cotidiano/ult95u560158.shtml">http://www1.folha.uol.com.br/folha/cotidiano/ult95u560158.shtml</a>
(04)	T- 28. <a href="#">Folha Online - Cotidiano - Moradores de FAVELAS no Rio exigem reunião com o governador para discutir MÚROS - 03/05/2009</a> ... o PROJETO, que consideram “SEGREGACIONISTA”. Para o governo, a obra beneficia a COMUNIDADE e não cerceia o DIREITO de ir e vir. Alguns moradores de FAVELAS elogiam a iniciativa por ... o fim da busca de jacas na mata. “Não sou contra nem a favor. Acho que qualquer investimento na FAVELA é bom”, diz José Bezerra, 55, morador do morro Dona Marta. O governo ... <a href="http://www1.folha.uol.com.br/folha/cotidiano/ult95u559777.shtml">http://www1.folha.uol.com.br/folha/cotidiano/ult95u559777.shtml</a>
(05)	T - 29. <a href="#">Folha Online - Cotidiano - Bombeiros controlam INCÊNDIO em FAVELA no Bom Retiro - 01/05/2009</a> ... 01/05/2009 16h46 Bombeiros controlam incêndio em favela no Bom Retiro Colaboração para a Folha Online Atualizado às 19h07 . Bombeiros controlaram um incêndio em uma FAVELA no ... incêndio foi controlado às 15h. Veja imagens. Veja vídeo O fogo destruiu quatro BARRACOS na COMUNIDADE, que é conhecida como FAVELA do Moinho. Os bombeiros não souberam informar, no ... <a href="http://www1.folha.uol.com.br/folha/cotidiano/ult95u559212.shtml">http://www1.folha.uol.com.br/folha/cotidiano/ult95u559212.shtml</a>
(06)	T - 30. <a href="#">Folha Online - Cotidiano - INCÊNDIO atinge FAVELA na região central de São Paulo</a>

- 01/05/2009 ... 01/05/2009 14h32 INCÊNDIO atinge FAVELA na região central de São Paulo da Folha Online Um INCÊNDIO atinge uma FAVELA no BAIRRO do Bom Retiro, região central de São Paulo, na tarde ... acionado por volta das 14h20 e enviaram três carros ao local, que fica na rua Tenente Pena. A COMUNIDADE é conhecida como FAVELA do Moinho. Ainda não há informações sobre ... <a href="http://www1.folha.uol.com.br/folha/cotidiano/ult95u559167.shtml">http://www1.folha.uol.com.br/folha/cotidiano/ult95u559167.shtml</a>
---

Como se pôde observar pelo excerto da busca que realizamos (montagem de textos supra), favela determina comunidade e ambas estabelecem uma relação de substituição/equivalência nesse caso, ou seja, comunidade é “igual” à favela, e favela é “igual” à comunidade e tanto uma quanto outra são discursivizadas pela violência/delinquência, enquanto lugares onde há: *drogas, operação policial, tiroteio, armas, imigrantes, incêndio, projetos, mortes, tráfico de drogas, etc.* (cf. palavras em caixa alta em T-25 a T-30),<sup>24</sup> nomes, portanto, que compõem o domínio de memória<sup>25</sup> do DSD favela/comunidade, a seguir.



Figura 1. DSD favela/comunidade<sup>26</sup>

É dentro desse quadro de sobredeterminação que comunidade vai figurar no texto/áudio a/sdr (a seguir), como palavra mantida a distância. Mesmo ‘adotada’ como índice de uma nova discursividade democrática, logo traz à tona o confronto social que corporifica, isso porque, ao ser empregada por aqueles que não a tomam como um *discurso de* uma comunidade (texto/áudio a/

24 T= texto.

25 Em face dos objetivos deste trabalho, restringir-nos-emos aqui a referir o conceito de domínio de memória: “Está construído por un conjunto de secuencias discursivas que preexisten a la sdr, en el sentido en que ciertas formulaciones recuperables en la puesta en secuencia intradiscursiva que realiza la sdr (que llamaremos “formulaciones de referencia”) entran, con formulaciones que aparecen en las secuencias discursivas del dominio de memoria, en redes de formulaciones, a partir de las cuales se analizarán los efectos que produce en el seno de un proceso discursivo la enunciación de una sdr determinada (efectos de memoria, de redefinición, de transformación, pero también efectos de olvido, de ruptura, de denegación, de lo ya-dicho)” (COURTINE, 1981), disponível em: <http://www.magarios.com.ar/courtine.htm>.

26 Para elaboração do DSD1 consideramos o conjunto de 30 resultados. — = determina.

sdr), é concebida como ‘moda’ (sdr, L 5-6),<sup>27</sup> está, assim, distante, configurando um *discurso sobre*<sup>28</sup> ‘uma certa gente’ (*essas pessoas, L 8; todas as pessoas ou muitas, L 14*) que passa adiante ‘certos privilégios que recebe’ (L 14). Conforme os destaques que apontamos, essa relação é de confronto, pois, em nossa hipótese, os sentidos para comunidade não emergem da *organização* social, (portanto, não basta que a palavra seja adotada como índice de uma ética eufemística de dizer), mas de uma *ordem*<sup>29</sup> discursiva outra, vivida, ligada a um saber que não se transmite/aprende/ensina (PÊCHEUX, 1990 [1988]; ORLANDI, 1999), ordem na qual os sujeitos que enunciam comunidade como moda

não se reconhecem e dela se apartam, o que pode ser observado inclusive pela maneira como esse texto é enunciado (voz, tom profundamente irônico).<sup>30</sup>

A sdr, ponto de referência a partir do qual organizamos o corpus de nosso estudo, encontra-se no texto/áudio a:

Sdr - Agora a moda não é mais favela, é comunidade [texto/ áudio a, L 5, 6].

O domínio de memória que a Sdr convoca articula-se por meio de nomes e expressões como: *essas pessoas (L 8), MST (L 13), fiscalização (L 10), terra/moradia passada adiante (L 14), PT (L 20), movimentos (L 20)*, etc. Vejamos:

### TEXTO/ÁUDIO A/Sdr

Boletim de Brasília – Rádio Guaíba/RS (Grupo Record de Comunicação) – 26 de março de 2009<sup>31</sup>

- 1 **FM** -... mas Dal Pizol muitas coisas que interessam o nosso ouvinte em relação a esse **pacote do**
- 2 **governo**. Haverá dois tipos de moradia... esse pacote de 1 milhão de moradias, vai ter casas térreas com
- 3 35m<sup>2</sup> e apartamentos de 42m<sup>2</sup>, ambos terão sala, cozinha, banheiro, dois dormitórios e área de serviço, os
- 4 prédios terão de 04 ou 05 pavimentos, com 04 unidades por andar. Aqui em Brasília é interessante que
- 5 **eles fizeram, reformaram, revitalizaram uma comunidade... AGORA A MODA NÃO É MAIS**
- 6 **FAVELA**, viu Silvia, **É COMUNIDADE**, então reformaram, revitalizaram a **comunidade** e o que está
- 7 acontecendo é o seguinte, os moradores ... há pouco tempo **o governo do DF doou mais de 500**
- 8 **apartamentos, quase 400 os donos já não são os mesmos** Silvia, já venderam, **essas pessoas já**
- 9 **passaram seus apartamentos para outras pessoas**, então é difícil isso, né, Dal Pizol e Silvia.
- 10 **S** - É, a **fiscalização** que tem que ter nessa aérea, principalmente agora com esse **pacotão do governo**
- 11 **federal** da área habitacional, tem que reforçar **porque passa adiante né, vende a chave**, como
- 12 **popularmente** é conhecido.
- 13 **FM** - É a **mesma coisa** com o **MST** que ocorre, e daqui a pouco o **MST** está ligando, mas se tu pegares,
- 14 **todas as pessoas ou muitas já passaram a sua terra pra diante**, pra frente, fazem aqueles contratos de
- 15 gaveta e pronto. Lá principalmente na Amazônia está acontecendo muito isso, mas é interessante Silvia
- 16 que **o pacote de habitação do governo, 34 bilhões de reais, ele ainda é cinco vezes menor que o**
- 17 **reajuste dos servidores públicos**, o governo, até 2012, o governo fez uma série de reajustes que terão
- 18 reflexo até 2012, então pro nosso ouvinte ter uma ideia, esse ano o governo em reajustes vai gastar 11
- 19 bilhões de reais; em 2009, 29 bilhões de reais [sic]; em 2010, 40 bilhões de reais; em 2011, 47 bilhões de
- 20 reais; 2012, 47 bilhões de reais; e **o PT sempre foi, né corporativista e vinculado aos movimentos de**
- 21 **funcionários públicos, é indiscutível**, mas o governo lança um pacote de 34 bi, mas apresenta também
- 22 um pacote de 175 bilhões de reais pro reajuste, **só falta o famoso reajuste ali né Dal Pizol e Silvia para**
- 23 **os servidores do legislativo que estão reivindicando 20%, é uma vergonha** esse reajuste Silvia e Dal
- 24 Pizol...
- 25 **DP** - Muito Obrigado, um bom dia de trabalho pra você aí em Brasília, Fábio Marçal.

O confronto é tornado visível quando retomamos exemplos de trabalho anterior

(VARGAS, 2009),<sup>32</sup> do qual ora apresentamos 03 sequências discursivas (SDs 1 a 3), como

27 L = linha indicada à esquerda no texto/áudio a.

28 *Discurso* de remete ao discurso em sua ordem própria, de um lugar, de sujeitos, em sua heterogeneidade e dispersão, sem intermediários, enquanto que *discurso sobre* é aquele que organiza a rede polifônica de dizeres dispersos do *discurso de*, interpretando-os, segundo fins específicos (baseamo-nos nas formulações de Orlandi em vários de seus trabalhos a respeito desta díade).

29 omamos aqui a distinção que Orlandi (2004) estabelece entre *ordem e organização*, isto é, a organização remete à regra e à sistematicidade, enquanto que a ordem, ao funcionamento, sempre sujeito à falha da língua e da história (equivoco).

30 O texto foi coletado da mídia radiofônica e, portanto, estamos considerando seu modo de enunciação como índice relevante de uma tomada de posição (distância marcada pela ironia) em relação ao que é enunciado. A voz é aqui tomada na perspectiva discursiva trabalhada por Scherer (2006)

31 FM = Fábio Marçal, S = Silvia do Canto, DP = Dal Pizol.

32 Disponível em: <http://www.labeurb.unicamp.br/rua/pages/home/capaArtigo.rua?id=67>

exemplares de um *discurso de*. Nesse caso, as palavras não são tomadas a distância, elas historicizam práticas de sentido vinculadas a um lugar/saber vivenciado (*eu participei do mutirão, SD 1; todos nós fizemos este mutirão, SD 2; fizemos protesto para conseguirmos mais segurança para a nossa comunidade, SD 3* – sublinhados a seguir), entretanto, esses sentidos têm sua circulação silenciada, uma vez que são sobredeterminados pelo discurso da criminalidade e violência (fazendo com que comunidade seja tal como procuramos exemplificar pela montagem de textos supra).

(08)	SD 1 <sup>33</sup> <i>Eu participei do mutirão da consciência ambiental, nós limpamos a comunidade, quase toda a comunidade. Foi legal porque é para nós mesmos.../ Eu também participei da ponte...</i>
(09)	SD 2 <i>Eu me lembro que um dia a escola fez um mutirão pela paz na comunidade, todos nós fizemos este mutirão.../ E também nós fizemos outro mutirão para arrumar a ponte... nós mandamos cartas para o vereador da comunidade...</i>
(10)	SD 3 <i>Nós, jovens da Escola Marista Santa Marta, lutamos para conseguir muitas coisas para a nossa comunidade... / [nós] Fizemos protesto para conseguirmos mais segurança para a nossa comunidade, [nós] mandamos cartas em 2003 para o prefeito para arrumar a ponte aonde o ônibus passava porque tava caindo e conseguimos./ [nós] Fizemos mutirão para limpar a nossa comunidade, [nós] fizemos passeio da paz. Nós fizemos muitas coisas pela nossa comunidade e fora o que eu não me lembro...</i>

A circulação-confronto a que nos reportamos, no tocante aos três recortes aqui destacados e organizados em torno da sdr, pode ser compreendida por meio das seguintes paráfrases que, a despeito de sua circulação intercambiável, não estabelecem relação interparafrástica, pelo contrário, a equivocidade do nome é colocada em pauta:

- Comunidade é ‘forçosamente’ o nome politicamente correto para favela (texto/áudio a/sdr) – palavra tomada a distância.
- Uma comunidade é uma favela revitalizada

(texto/áudio a/sdr) palavra tomada a distância.

- Favela e comunidade são lugares violentos (montagem de textos) – sobredeterminação pelo discurso da violência/criminalização
- Comunidade é um projeto compartilhado (SD1 a SD3) - palavra que não se semantiza, é barrada – circulação sobredeterminada pelas demais.

Diante disso, a noção que temos procurado aprofundar, explicitando possíveis modos de funcionamento linguístico-discursivos, diz respeito ao que Pêcheux postulou como nova fraseologia:

De um lado e de outro desta fronteira, a mesma palavra, a mesma frase não têm, de novo, o “mesmo sentido”: e, como no caso da ideologia jurídica burguesa, sua transposição, deliberada ou não, pode ser uma questão de vida ou de morte: paradoxalmente, a desconfiança dos revolucionários com respeito à fraseologia engendrou a nova fraseologia do discurso-real autoprotetor, nova “frase democrática” que, ao repetir o que todos sabem, permite calar o que cada um entende sem confessar. Maldito aquele que rompe este pacto do silêncio tagarela: ele corre o risco de se tornar ipso-facto um espectro visível da adversidade (PÊCHEUX, 1990 [1980], p. 15).<sup>34</sup>

As análises que temos desenvolvido permitem que postulemos comunidade como palavra democrática, relativamente à fraseologia de que trata Pêcheux (1990 [1980], p. 11), essa que se afigura como língua una e indivisível, própria da democracia republicana: “espaço da artimanha e da linguagem dupla, linguagem de classe secreta onde o ‘bom entendedor’ encontra sempre sua salvação, a língua da ideologia jurídica permite conduzir a luta de classes sob a aparência da paz social...”<sup>35</sup>

Dentro desse quadro, comunidade

33 [nós] = intercalação textual posterior nossa; / = parágrafo diferente. Outros destaques remetem mais pontualmente à análise posterior em que tomamos tais elementos linguísticos como vestígios de um discurso de uma comunidade (VARGAS, 2009).

34 Aspas no texto.

35 Aspas no texto

presentifica circulações-confronto. Sabemos que desde sempre a ideologia opera em grau máximo para o achatamento de determinados sentidos, entretanto, os procedimentos pelos quais ela se atualiza, aqueles que alienam os sujeitos do processo de produção de saber e da própria vida material que os constitui e poderia emancipá-los no mundo, ‘mudam de nome (ou mudam-se os nomes) para continuarem os mesmos’. Analogamente, podemos dizer que tudo se passa como se, por um lado de um determinado recipiente, entrassem quaisquer orientações de sentido possíveis, irremediavelmente contraditórias, conflitantes e equívocas e, por outro, emergiria uma outra, uma, operando sob a ‘aparência da paz social’, via “diluição e indistinção de sentidos” (ORLANDI, 2009).<sup>36</sup>

## Referências Bibliográficas

COURTINE, Jean-Jacques. **Análisis del discurso político** (El discurso comunista dirigido a los cristianos). In: Langages 62. Juin. 1981. Analyse du discours politique (le discours communiste adressé aux chrétiens). Trad. Cast.: María del Carmen Saint-Pierre. Disponibilidade em: <http://www.magarios.com.ar/courtine.htm>. Acesso em jan. 2008.

GUIMARÃES, Eduardo. Domínio semântico de determinação. In: GUIMARÃES, Eduardo; MOLLICA, Maria Cecília (Orgs.). **A palavra: forma e sentido**. Campinas: Pontes, RG, 2007.

\_\_\_\_\_. **Semântica do acontecimento**. Um estudo enunciativo da designação. 2. ed. Campinas, SP: Pontes, 2005.

\_\_\_\_\_. Textualidade e enunciação. **Escritos**, n. 2. Campinas: Labeurb/Unicamp, 1999.

ORLANDI, Eni P. Formas de individuação do sujeito feminino e sociedade contemporânea:

O caso da delinquência. In: ORLANDI, Eni P. (Org.). **Discurso e políticas públicas urbanas: A fabricação do consenso**. Campinas, SP: RG, 2010.

\_\_\_\_\_. A noção de “povo” que se constitui em diferentes discursividades. In: SILVA, Soeli Maria Schreiber da. **Sentidos do povo**. São Carlos: Claraluz, 2006. p.7-30.

\_\_\_\_\_. À flor da pele: Indivíduo e sociedade. In: MARIANI, Bethania (Org.). **A escrita e os escritos: Reflexões em Análise do Discurso e Psicanálise**. São Carlos: Claraluz, 2006a.

\_\_\_\_\_. **Discurso e texto**. Formulação e circulação dos sentidos. 2. ed. Campinas, SP: Pontes, 2005.

\_\_\_\_\_. **Interpretação**. Autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico. 4. ed. Campinas, SP: Pontes, 2004.

\_\_\_\_\_. **Língua e conhecimento lingüístico**. Para uma História das Idéias no Brasil. São Paulo: Cortez, 2002.

\_\_\_\_\_. **Análise de Discurso**. Princípios e Procedimentos. Campinas, SP: Pontes, 1999.

\_\_\_\_\_. Maio de 68: Os silêncios da memória. In: ACHARD, Pierre et al. **Papel da memória**. Campinas, SP: Pontes, 1999a.

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e discurso**. Uma crítica à afirmação do óbvio. Trad. de Eni P. Orlandi (et al.). 3. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 1997.

\_\_\_\_\_. Ouverture du colloque. In : CONEIN, Bernard; COURTINE, Jean Jacques; GADET, Françoise; MARANDIN, Jean Marie; PECHÊUX, Michel (Eds.). **Matérialités discursives**. Lille, Presses Universitaires de Lille, 1981 [1980].

\_\_\_\_\_. **O discurso**. Estrutura ou acontecimento. Trad. de Eni P. Orlandi. São Paulo: Pontes, 1990 [1988].

36 Sobre diluição e indistinção de sentidos, ver: [http://www.discurso.ufrgs.br/sead/prog/c1\\_Eni\\_Orlandi.pdf](http://www.discurso.ufrgs.br/sead/prog/c1_Eni_Orlandi.pdf)

\_\_\_\_\_. Delimitações, inversões e deslocamentos. Trad. de José Horta Nunes. In: **Cadernos de estudos lingüísticos** (19). Campinas: Unicamp, 1990 [1980]. p. 7-24.

SCHERER, Amanda E. Dos domínios e das fronteiras: O lugar fora do lugar em outro e mesmo lugar. In: SARGENTINI, Vanice; GREGOLIN, Maria do Rosário (Orgs.). **Análise do Discurso: Heranças, métodos e objetos**. São Carlos: Claraluz, 2008. p. 131-141.

\_\_\_\_\_. Subjetividade, inscrição, ritmo e escrita em voz. In: MARIANI, Bethania (Org.). **A escrita e os escritos: Reflexões em Análise do Discurso e Psicanálise**. São Carlos: Claraluz, 2006a.

VARGAS, Rejane M. Arce. Do repetível ao historicizado: Notas sobre uma prática de sentidos. **RUA** [online]. 2009, no. 15. Volume 1 - ISSN 1413-2109. Disponibilidade em: <http://www.labeurb.unicamp.br/rua/pages/home/capaArtigo.rua?id=67>

\_\_\_\_\_. Dizeres que não voltam mais??? Questionamentos sobre a questão da filiação dos sentidos. **Letras**. n° 37, jul./dez. 2008. Santa Maria, RS: Editora PPGL, 2009a. Disponibilidade em: [http://w3.ufsm.br/revistalettras/artigos\\_r37/artigo12.pdf](http://w3.ufsm.br/revistalettras/artigos_r37/artigo12.pdf)

**Artigo enviado em:** 03/01/2011

**Aceite em:** 14/05/2011